

“Bentinho c’est moi!” – *Pitboys*, farsas e redenção em duas releituras juvenis de *Dom Casmurro*

Jorge Marques

Resumo: Os livros "Dona Casmurra e Seu Tigrão", de Ivan Jaf, e "Ciumento de Carteirinha", de Moacyr Scliar, constituem textos nos quais o público juvenil tem atendida uma demanda recorrente: a acessibilidade, através de textos atraentes e divertidos, ao texto clássico de Machado de Assis. Desta maneira, Bentinho toma corpo e ressurge nestas releituras, em pleno século XXI, corporificado por sujeitos díspares da nossa sociedade: um estudante aplicado/ um pitboy. Em comum com a personagem original machadiana, eles têm o fato de, além de serem superprotegidos pela família, constituírem indivíduos autocentrados, corroídos pelo ciúme e movidos a preconceito de gênero. Este trabalho pretende analisar os Bentinhos de Jaf e Scliar, através da observação de suas relações familiares, sentimentais, sociais e políticas.

Palavras-chave: releituras juvenis, recorporificação de Bentinho, *Dom Casmurro*.

1. Introdução:

Em célebre estudo sobre leitura de obras clássicas por jovens, Ana Maria Machado (2002) afirma que “o primeiro contato com um clássico, na infância e adolescência, não precisa ser com o original. O ideal é mesmo uma adaptação bem feita e atraente” (p. 15). Mais adiante, a autora afirma que “não esperava que houvesse tantos [livros clássicos] em versões adaptadas de boa qualidade, à disposição de nossos jovens leitores” (p. 131). A reflexão acerca da fruição de obras canônicas pelo público juvenil é algo recorrente nas mais diversas realidades sócio-culturais. Alberto Manguel e Ítalo Calvino, dentre tantos outros, também dedicaram seus estudos à mesma temática, o que nos leva a crer ser esta uma preocupação constante aos que se dedicam à pesquisa e à mediação da leitura. Não obstante tal fato, é importante ressaltar que não há um pensamento hegemônico entre os autores. O citado Manguel (1999), em perspectiva claramente confrontante com a posição defendida por Ana Maria Machado, já chegou a afirmar em entrevista que não acha as adaptações de clássicos necessárias. E complementou assim o seu raciocínio:

*Por que uma criança deve ser obrigada a ler obras clássicas?
Ela pode começar lendo livros próprios para sua idade e,
depois de crescida, chegar a Shakespeare. Mais do que uma*

simplificação, a adaptação de uma obra implica uma intervenção inadmissível em seu conteúdo. No limite, ela pode tirar da pessoa o desejo de ler um clássico na versão integral.(Ibidem, p. 11)

Na verdade, Manguel não é reticente só no que diz respeito a adaptações de clássicos. Tudo o que, a seu ver, pode ser considerado um desvirtuamento, também é fruto de reserva: sendo assim, de acordo com seu ponto de vista, a leitura de um livro traduzido faz com que a obra como um todo se perca, pois “um livro é a língua na qual ele foi escrito” (Ibidem).

Sem dúvida alguma, trata-se de temática polêmica. Entretanto, é importante relativizar um posicionamento como o defendido pelo autor supracitado pois, se levarmos em conta que adaptações de textos clássicos auxiliam mediadores de leitura a “limpar terrenos, destruir bloqueios bobos e medos infundados, em suma, dar uma mãozinha para que o gosto do leitor se estabeleça com mais facilidade” (Schwartz, 2003), observamos que, mais do que possível, é desejável não sonegar o contato com os clássicos ao leitor em formação. Cabe aí, somente, a realização de uma escolha adequada: a qualidade do texto adaptado parece ser o critério primordial para a indicação da leitura a ser empreendida. Em resumo, compartilhamos da assertiva de Ana Maria Machado acerca do assunto, quando afirma peremptoriamente: “Simplicidade não é superficialidade” (2002, p. 135). Noutras palavras, o tradutor (ou adaptador) não é necessariamente um traidor. Claro é que uma nova obra está sendo forjada, e não podemos perder este fato de vista; entretanto, ela constitui ponte cujo traçado encaminha para o clássico. A propósito, experiências diversas dão conta de que, após a leitura de obras adaptadas, não são poucos os jovens que se aventuram a trilhar de modo bem-sucedido pelos meandros da obra original, desfrutando do texto com maior segurança e desembaraço, visto que tiveram a oportunidade de, anteriormente, ler uma obra cuja linguagem fora estruturada especificamente para um público pertencente a sua faixa etária.

2. De adaptações e releituras:

Tornar textos clássicos acessíveis a jovens leitores constitui tarefa que pode ser elaborada de variadas maneiras. A mais conhecida é, sem dúvida, a adaptação: toma-se uma obra pertencente ao cânone e torna-se o texto adequado à linguagem da criança ou do adolescente. As ilustrações constituem elementos de grande importância neste

contexto, visto que ajudam a inserir o jovem leitor no universo do clássico a ser (re) construído. Ruth Rocha, ao recontar os clássicos *A Ilíada* e *A Odisséia*, realizou trabalhos que podem ser considerados paradigmáticos do gênero no Brasil. Nas obras citadas, a propósito, lança-se mão de um recurso por vezes recorrente em adaptações: o uso de verbetes que, funcionando tal como nota de pé de página, ajudam o leitor jovem, presumidamente pouco familiarizado com o universo mítico, a melhor compreender fatos e personagens da obra que constitui fonte primária.

Uma outra vertente de textos que também se dedica expressamente a aproximar o cânone do jovem leitor é a releitura de clássicos. Neste caso, a obra elaborada difere em muito da adaptação pelo fato de uma nova estrutura narrativa ser construída em torno do livro original. Fatos, seqüências dramáticas e personagens estranhos ao texto de origem são criados e é a partir deles que a confluência jovem leitor – cânone se dá. Ora, se a adaptação de um texto clássico limita-se a torná-lo mais palatável ao público leitor, através dos recursos já anteriormente citados, a releitura elabora um novo universo narrativo a partir do qual será possível o acesso à obra de origem. Isto significa dizer, portanto, que a releitura trabalha com dois eixos textuais intersecivos: a narrativa 1, elaboração pontuada por elementos ficcionais inéditos, apresenta-se ao leitor, mas tem seu desenvolvimento alavancado pela intervenção da narrativa 2, obra clássica que se apresenta ao jovem leitor enfeixada na narrativa 1. Sendo assim, o entrecruzamento narrativo resulta em uma produção na qual o leitor tem contato com o texto canônico através de uma série de engendramentos ficcionais que, na maioria das vezes, trazem-no para o tempo presente. Tal como fios que amarrados resultam em uma corda forte, as releituras de clássicos bem-sucedidas primam por ter as narrativas 1 e 2 bem atadas, de modo que uma possibilite o encaminhamento da outra, interseccionando-as em uma só produção.

Evidentemente, o intertexto constitui categoria que se aplica tanto à adaptação quanto à releitura, sendo que, à última, parece ser cara também a experiência do pastiche, o qual, via releitura, encontrou na literatura feita para jovens um campo fértil para florescimento. Neste caso específico, é prática recorrente dos autores promoverem a inclusão de referências da sociedade de consumo às narrativas que se enfeixam. Como um dos objetivos da releitura é tornar coloquial o canônico, promovendo a quebra

do elemento solene que, via de regra, parece acompanhar a leitura do clássico, o triunfo editorial deste tipo de produção revela que o artifício mostra-se bem sucedido.

Pertencem ao gênero da releitura os livros *Ciumento de carteirinha*, de Moacyr Scliar, e *Dona Casmurra e seu tigrão*, de Ivan Jaf, obras que trazem o canônico *Dom Casmurro*, de Machado de Assis, para o universo dos jovens leitores.

3. De Bentinhos, nerds e pitboys:

Ciumento de carteirinha e *Dona Casmurra e seu tigrão* constituem textos ficcionais que partem de um mesmo pressuposto: tomam os fatos narrativos como elementos propulsores na promoção da análise sobre o ciúme e todos os sentimentos decorrentes dele, além de investigar as suas conseqüências para o relacionamento amoroso. Os pontos de contato com o clássico machadiano já se fazem notar, portanto, a partir de sua concepção.

Vale notar o tom coloquial manifestado por Scliar e Jaf desde os títulos de seus livros: através do uso de expressões de cunho popular, ambos deixam entrever a dessacralização do texto canônico e o intuito de se aproximar de uma variante lingüística mais próxima ao público juvenil. No caso do segundo, ao coloquialismo une-se o tom zombeteiro que se harmoniza com a natureza da releitura em questão, na qual, muitas vezes, o humor constitui elemento em destaque.

Um outro fator importante a ser destacado é que ambos os autores retomam em suas obras o enredo juvenil que *Dom Casmurro* (em certa parte) é. A narrativa do amor adolescente de Bentinho por Capitu e as barreiras sociais e religiosas enfrentadas pelo casal são retomadas, pelos autores, através do investimento maciço em personagens cuja mocidade é uma característica em comum.

Em *Ciumento de carteirinha* o quadrilátero amoroso do texto machadiano se estabelece em plena Itaguaí, numa referência explicitada, pela própria narrativa, ao conto “O Alienista”, através das personagens Francesco, Júlia, Vitória e Fernanda, as quais correspondem respectivamente, no texto clássico, a Bentinho, Capitu, Escobar e Sancha. Francesco, assim como Bento Santiago, é denominado continuamente na narrativa pelo apelido diminutivo de seu nome: Queco. O Bentinho de Scliar, ao mesmo tempo em que se dedica, pelas circunstâncias narrativas, a descobrir os meandros da obra machadiana, (re) vivencia os sentimentos manifestados pela

personagem canônica, dentro de um engendramento ficcional diverso. As narrativas 1 e 2 se entrelaçam e a engenharia da releitura está devidamente estruturada, a fim de que o texto clássico torne-se próximo ao público jovem. Já a narrativa de Jaf focaliza seu interesse na dupla Bentinho – Capitu, representada na releitura pelos adolescentes Barrão – Pâmela. O Escobar do livro é personagem meramente accidental e responde pelo nome de Paulão, também ele um jovem. Imiscui-se no contexto uma personagem estranha à narrativa machadiana, a “Dona Casmurra” do título - donde se conclui que Bento Santiago tem representadas nesta narrativa duas das facetas de sua personalidade através de personagens diversos: o Bentinho-adolescente (Barrão) e o Bento-casmurro (Lu, a “Dona Casmurra”). O fato de um apaixonar-se pelo outro e, ao fim da narrativa, terminarem juntos, pode ser lido como uma explicitação do caráter narcisista da personagem machadiana.

Assim como no texto canônico, os Bentinhos relidos pelas narrativas juvenis são “ciumentos de carteirinha”, se quisermos fazer uso da expressão utilizada por Scliar para intitular seu livro. Move-os um instinto cego, o qual oblitera a racionalidade e faz com que eles pratiquem atos desesperados, como, aliás, só alguém arrastado pelo ciúme pode fazer. É o que ocorre com Barrão, ao espancar um suposto amante de sua namorada – na verdade, tio de Pâmela - e Queco, ao falsificar um documento e pretensamente se impor ao seu rival. A narrativa de Scliar utiliza, a propósito, o animal de estimação do protagonista para sublinhar o quanto o ciúme tem de irracional e instintivo, e o quanto este sentimento acaba por aproximar seres humanos e bichos, tal o caráter inato que apresenta. Sendo assim, na luta pela posse do objeto amado, homem e cão compartilham impulsos em comum, e o primeiro vê-se igualado ao segundo: o ciúme torna-os semelhantes.

Queco e Barrão mostram-se atores sociais que circulam por seus respectivos meios de maneira bastante diferenciada: o primeiro é um aplicado estudante de um pequeno colégio de Itaguaí, enquanto o segundo, embora mantenha a mesma atividade, não se mostra nem um pouco interessado em assuntos escolares. Se exercermos uma análise reducionista e utilizarmos termos próprios ao vocabulário da juventude, em princípio Francesco é um *nerd* e Barrão não passa de um *pitboy* – ou, um “tigrão”, como prefere Ivan Jaf.

Na verdade, a atualização do papel social de Bentinho proposta pelos autores constitui elemento de extremo interesse para nosso estudo. Queco, o adolescente autocentrado elaborado por Scliar, mostra-se tão prepotente que age sem se importar com o possível descobrimento de suas artimanhas. Malgrado o sentimento de culpa que lhe advém, só se dá conta de que pode ser descoberto quando alertado por indivíduos que desconfiam acerca da veracidade do documento por ele falsificado. Na proposta de Scliar, o Bentinho contemporâneo camufla verdades e manipula toda uma sociedade com o intuito único de dar vazão a uma auto-afirmação estéril. Não será exatamente isto o que faz Bento Santiago, o original, ao tentar “atar as duas pontas da vida”? Não se utilizaria ele das palavras para manobrar os fatos narrados ao leitor?

Já a releitura da personagem machadiana elaborada por Jaf é estruturada a partir da verve humorística. Barrão é mimado, superprotegido, machista e tem uma relação afetiva problemática com a mãe – características que o aproximam de Bentinho. A relação estabelecida pelo autor da releitura é clara: tivesse a personagem clássica vivido no século XXI talvez se inserisse na categoria de *pitboy*, um daqueles rapazes que freqüenta as noites urbanas invariavelmente à procura de confusões, geralmente suscitadas em disputas pela posse de uma mulher. As situações nas quais se insere a personagem tornam-se risíveis posto que Lu, a casmurra, faz questão de sublinhar jocosamente o quanto de ridículo têm as atitudes e posicionamentos truculentos exibidos por Barrão. O inusitado da proposta do autor – relacionar um personagem clássico a um papel social tão distante de qualquer refinamento intelectual - resulta em uma feliz ressignificação das condições sócio-existenciais de Bentinho.

É interessante observar que as personagens aqui analisadas acabam por deparar-se com encruzilhadas as quais acabam por levá-las a movimentações opostas: enquanto Barrão é enquadrado nas leis disciplinares e devidamente atado nas amarras sociais por seu duplo Bento-casmurro (ou casmurra, melhor dizendo), Queco, o aluno exemplar, acaba por resvalar em limites éticos complexos, os quais levam-no efetivamente a encenar uma farsa criminosa, providencialmente confessada no final da narrativa perante uma multidão no palco de um teatro. É a oportunidade para que, testemunhada por toda a sociedade, ocorra a redenção da personagem, devidamente recolocada de forma definitiva em seu papel de origem.

Como “livro bom é aquele que se confunde com a própria vida” (Scliar, p. 128), Queco e Barrão, ao realizarem a experiência da leitura do texto de Machado de Assis, acabam por deparar-se com Bento Santiago, deles uma personalidade sócia. No mergulho ficcional empreendido por ambos, uma cena é emblemática: a determinada altura de *Dona Casmurra e seu tigrão*, Barrão, envolvido e atordoado com a leitura do clássico machadiano, grita em desespero: “Bentinho sou eu!” (Jaf, p. 77), em uma clara referência à famosa frase de Flaubert – “Madame Bovary c’est moi!”. Assustada ao (se) ver e ao (se) ler, a personagem reconhece nos tropeços de Bentinho equívocos que também são seus e, mais do que isso, no destino da personagem machadiana um desígnio que lhe pode alcançar.

4. De Capitus e ressacas:

A opção por desenhar sua narrativa sob viés humorístico leva Ivan Jaf a construir uma Capitu boêmia. Tanto é assim que, na Capitu contemporânea, os olhos de ressaca não se referem ao mar, mas ao uso exagerado da bebida. Na configuração da personagem na releitura, importa observar que a indefinição quanto à sua fidelidade é mantida, assim como no texto canônico. Na verdade, Pâmela tem sua importância ficcional atrelada aos desejos e inseguranças de Barrão. Ela existe tão-somente porque é o alvo obsessivo do Bento Santiago transfigurado em *pitboy*.

Em *Ciumento de carteirinha*, Moacyr Scliar delinea a releitura de uma Capitu mais ativa no universo ficcional que a cerca. Sendo assim, ela desafia Queco, ousando manter posicionamentos dele discordantes, o que o leva à completa exasperação. É a partir do momento em que sente ter de provar à Júlia que lhe pode ser superior, que Francesco constrói uma artimanha mirabolante no intuito de possibilitar ressarcir parte de seu orgulho ferido.

A par das duas personagens femininas, há Lu, a consciência crítica de Barrão em *Dona Casmurra e seu tigrão*. Lu não é uma Capitu; como já afirmamos, aproxima-se muito mais da faceta casmurra de Bento Santiago. Em seu discurso afiado e irônico e, por isso mesmo, destruidor das certezas movidas a preconceitos de gênero que Barrão apresenta, Lu mostra-se a construtora da ressaca moral da releitura de Bentinho. A cada vez que aniquila com suas palavras a estabilidade do *pitboy*, Lu deixa-o psicológica e fisicamente desestabilizado. O Bentinho-adolescente, portanto, afunda em uma ressaca

provocada por seu duplo casmurro. Ao fim do mal-estar provocado pela quebra da homeostase, entretanto, saem ambos revivificados.

Referências Bibliográficas:

JAF, Ivan. *Dona Casmurra e seu tigrão*. São Paulo: Ática, 2008.

MACHADO, Ana Maria. *Como e por que ler os clássicos da literatura universal*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.

MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. *Dom casmurro*. São Paulo: Ática, s. d.

MANGUEL, Alberto. Ler é poder. *Veja*, São Paulo, 07 jul. 1999. Entrevista concedida a Tânia Menai.

ROCHA, Ruth. *Ruth Rocha conta A Ilíada*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2004.

_____. *Ruth Rocha conta A Odisséia*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2000.

SCHWARTZ, Adriano. Por que ler os clássicos. *Revista educação*, São Paulo, ano 28, n. 242, jun 2003.

SCLIAR, Moacyr. *Ciumento de carteirinha*. São Paulo: Ática, 2007.